

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redator principal — ALEXANDRE VIEIRA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.139

Segunda-feira, 7 de Agosto de 1922

PREÇO — 10 CENTAVOS

Proprietário da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Batalha-Lisboa \* Telefone 5339-0

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

## PROCLAMAÇÃO

Aos consumidores! Ao operariado!

Com os mais amplos poderes que nos foram dados, este Comité — que representa todos os sindicatos de Lisboa — declara proclamada a greve geral com princípio na madrugada de hoje, (segunda-feira).

Viva a greve geral

em prol do tipo único de pão a 60 centavos.

O COMITÉ

# Está proclamada a Greve geral!

Perante a criminosa indiferença dos poderes públicos pelos interesses sagrados do povo, outro caminho não poderia tomar a classe trabalhadora senão o da greve geral. Ao parlamento incompetente para resolver os problemas que respeitam ao povo, ao pobre, ao pária, cabe a responsabilidade do erro tremendo que cometeu, modificando o regime cerealífero para servir interesses inconfessáveis. Não quizeram os parlamentares — que se dizem representantes do povo e que não são mais do que servos de vários «clans» capitalistas — ouvir a vontade popular. Preferiram levar a fome aos lares pobres, semear a revolta nos corações sofredores! Que consequências terá a greve? Consequências graves? Ao governo e ao parlamento, que criaram a situação difícil que estamos vivendo, compete evitar essas consequências graves.

**Voltemos ao tipo único de pão barato! Seja respeitada a vontade do povo!**

**POVO TRABALHADOR:**

Soou a hora de afirmares perante os políticos e os capitalistas a tua vontade soberana! Une-te fortemente, forma um bloco formidável, indestrutível e reclama

**O TIPO ÚNICO DE PÃO, A \$60 CADA QUILO!**

A greve geral que hoje se inicia não deve terminar enquanto o decreto que caducou não voltar a vigorar!

Não descansemos enquanto o governo não atender as nossas reclamações! Lutemos, lutemos com energia pelo triunfo da nossa razão!

E' preferível morrer duma bala que de fome e de inacção!

**VIVA A GREVE GERAL!**  
**VIVA O OPERARIADO EM LUTA!**

A greve geral estava declarada em espírito. Nenhum operário que tenha o verdadeiro sentimento da dignidade humana deixa de compreender que só a greve geral, só a união geral do operariado na luta por uma reclamação justa, por uma reclamação urgente, poderá fazer triunfar essa reclamação.

O desprôso ultrajante que ultimamente os governos tem patenteado pelos interesses mais caídos do povo, não podia ficar impune. Se o operariado se calasse ante o último ultraje — o aumento de preço e modificação do regime do pão — os governantes teriam direito a abusar ainda mais da nossa paciência, a calcar-nos, a insultar-nos.

Mas, folizmente, de todos os lados os protestos erguem-se vivamente e arrojados. Dêbeis mu-

lheres arvoraram já a bandeira negra fome já penetrou realmente em muitos lares. Pois, é com esta fome, produzida por roubos sucessivos praticados por assim-badores e políticos, que se pretende brincar mais uma vez.

**Pretende-se brincar com fogo!**

Como o sr. António Maria da Silva, nós dizemos hoje também que se pretende brincar com o fogo. E o sr. António Maria da Silva entra também na brincadeira, na perigosa brincadeira...

A modificação do regime cerealífero foi uma brincadeira que pode sair cara.

O povo, porém, não pode, por mais tempo, servir de pano para as brincadeiras de parlamentares e governos, moageiros e assim-badores.

A energia do povo vai ser hoje posta à prova. Se ele realmente tem dignidade, pressa a saúde dos seus filhos e não está disposto a receber de braços pendentes como um Cristo ridículo, todas as bofetadas que lhe querem dar em pleno rosto; se ele, de facto, está na disposição de não admitir que

os políticos e moageiros continuem a escarrar-lhe no rosto o seu desprôso mais revoltante — o povo saberá acompanhar a U. S. O. neste movimento grandioso, neste forte movimento de protesto.

**Vamos para a greve geral!**

Vamos para a greve geral, que outro caminho digno não há a seguir. São os poderes públicos, com a sua indiferença pela resolução dos problemas que nos interessam, que nos forçam a tomar uma atitude energica. Deverem ser também os poderes públicos quem assumirão as responsabilidades de

todas as consequências da nossa ação defensiva.

**Perante o crime dos grandes, os pequenos não podem calar-se!**

Os sindicatos de Lisboa, dos arredores, de todo o país, enfim, sabem que o único caminho a seguir é a ação!

**Acção! Acção! Acção!**

Acção tem de ser a divisa de todos os trabalhadores. Acção energica no sentido de impedir todos os roubos. Acção que impega a fome de tomar de assalto

os nossos lares! Acção que impõe aos governantes o devido respeito pelos nossos direitos.

**Lutemos, pois, pelos nossos direitos!**

Lutemos pelos nossos direitos ameaçados. Combatemos hoje pelo tipo único de pão a \$60. Quanto maior for a intransigência dos poderes públicos mais energica, mais decisiva deve ser a nossa atitude.

Hoje pelo pão, amanhã por todos os géneros essenciais à vida; depois pela educação a que temos direito! Lutemos, lutemos sempre!

E se os governos tiverem a ve-

lidade de pretender possuir o direito de morte sobre os trabalhadores, os trabalhadores, por sua vez, que alcancem o direito de morte sobre os governos.

Se quiserem impor-nos pela força, pelos canhões e pelas baionetas um decreto de fome, os esfaimados que se unam, que se levantem energicos e dignamente saibam responder à força com a força, à violencia com a violencia.

Dizem os nossos hipócritas exploradores que o povo é soberano. O povo, portanto, deve proceder como soberano, deve defender a sua soberania, mesmo com risco da sua própria vida.

Nada de morrer de fome, camadas! Se tivermos de morrer, que seja na defesa dos nossos incontestáveis direitos!

leidade de pretender possuir o direito de morte sobre os trabalhadores, os trabalhadores, por sua vez, que alcancem o direito de morte sobre os governos.

Se quiserem impor-nos pela força, pelos canhões e pelas baionetas um decreto de fome, os esfaimados que se unam, que se levantem energicos e dignamente saibam responder à força com a força, à violencia com a violencia.

Dizem os nossos hipócritas exploradores que o povo é soberano. O povo, portanto, deve proceder como soberano, deve defender a sua soberania, mesmo com risco da sua própria vida.

Nada de morrer de fome, camadas! Se tivermos de morrer, que seja na defesa dos nossos incontestáveis direitos!

# VAMOS PARA A GREVE GERAL!

**Nota oficial da U. S. O. de Lisboa**

As últimas adesões recebidas acabam de constatar a concordância absoluta do operariado, com o protesto por este movimento iniciado, contra o regime de dois tipos de pão e o seu preço.

Nestas condições a U. S. O. não podia, nem devia, desacatar as resoluções unânimes dos sindicatos; e assim, tendo procurado o ministro de Agricultura e não o tendo encontrado, entendeu não dever protelar o assunto, porque da sua demora resultaria o desrespeito da organização operária, e então resolveu saídos todos os sindicatos, pela prontidão com que responderam ao convite desta União para que se pronunciassem, retribuir as saúdas enviadas das uniões locais do país, e finalmente indicar a todos os operários o cumprimento do seu dever, da madrugada do dia 7 em diante porque a partir desta data está proclamada a greve geral em Lisboa, tendente ao consequimento da anulação do recente decreto que criou os dois tipos de pão, e para que entre novamente em execução, o tipo único de pão a sessenta centavos o quilo.

Assume a direcção do movimento um comité que se encontra mundo dos mais amplos poderes para o orientar, e as comissões administrativa e pró-barateamento da vida suspendem até à terminação do movimento as suas funções.

Viva a greve geral!  
Viva o tipo único de pão!  
Viva a Confederação Geral do Trabalho!

A. U. S. O.

**As Federações Nacionais de Indústria**  
Aos seus federados de Lisboa

As Federações Nacionais de Indústria, tendo em atenção as superiores indicações da Confederação Geral do Trabalho, organismo coordenador da ação sindical dos trabalhadores conscientes do país; e tendo em vista que o governo, de cumplicidade com a agricultura, a Moagem e Panificação, quer impôr ao povo o pão muito mais caro e dividido em dois tipos, regime moral e desigualitário com que se agrava ainda mais a miséria e a saúda dos trabalhadores, declararam proclamada a greve geral em Lisboa de todos os trabalhadores federados, acompanhando assim o justo movimento da União dos Sindicatos Operários de Lisboa para a consecução do restabelecimento do pão de tipo único ao antigo preço de 60 centavos.

**Aos seus federados da província**

Aos federados da província, as Federações Nacionais de Indústria recomendam, que, dentro das modalidades, usos e costumes quanto aos regimes de pão das suas localidades e regiões acompanhem este movimento por forma que o preço do pão não seja agravado com a nova lei cerealífera, esforçando-se, além disso, porque qualquer que seja o regime vigente o procurem melhorar em benefício das respectivas populações, vítimas das oligarquias da alimentação.

As Federações Nacionais de Indústria

A grande sessão de ontem

No pátio do edifício da C. G. T. efectuou-se ontem uma grande reunião, que decorreu sempre entre o mais vivo entusiasmo.

Falaram Armando Ferreira, Alberto Monteiro, Alfredo Cruz, Francisco Viana, Jacinto Rufino, Santos Arruda, Alexandre Assis, Alberto Dias e delegados dos manipuladores de farinhas, massas e bolachas e das Associações dos compositores e impressores tipográficos.

Quando este delegado comunicou à numerosíssima assembleia que as classes gráficas haviam votado a greve geral, não saíndo já hoje jornais, a multidão irrompeu em voações entusiasmadas.

Ao encerrarse a sessão, que foi um verdadeiro comício público, o povo levantou inúmeros vivas à greve geral.

**A todos os assalariados da Carris de Ferro de Lisboa**

Camaradas — Em sinal de protesto contra o estabelecimento de dois tipos de pão e elevação do seu preço, a U. S. O. de Lisboa declarou a greve geral, greve que tem por fim conseguir o restabelecimento do tipo único ao preço de \$60 o quilo. O pessoal da Carris de Ferro, que tam nobremente se tem afirmado, não pode deixar de acatar a resolução da organização operária.

Camaradas: Demonstraí mal uma vez a vossa consciência; demonstrai que ainda sois os lutadores energicos de há 4 meses. Assim, como durante 50 dias soubestes fazer tremer toda a casta parasitária, lutando por alto princípio moral, deveis agora com a mesma energia bradar: Viva a greve geral! Avante pelo tipo único de pão a \$60.

**Associações de Classe dos Compositores e Impressores Tipográficos**

PROCLAMAÇÃO

Camaradas: Em virtude do constante agravamento da carestia da vida e das constantes provocações dos governantes mancomunados com as chamadas forças vivas, foi proclamada pela assembleia magna hoje realizada a greve das duas classes, que terá inicio hoje, às 21 horas, em prol do tipo único de pão a 60 centavos.

Que todos os gráficos cumpram com o seu dever honrando as suas tradições gloriosas!

Viva a greve geral!  
6 de Agosto de 1922.

As direcções

**Pessoal dos Hospitais Civis**

Reúne hoje, pelas 21 horas, em assembleia geral extraordinária.

**Sindicato Único Metalúrgico**

NOTA OFICIAL

Os elementos de defesa económica e social da classe metalúrgica, confiados em que todos os camaradas metalúrgicos secundarão o protesto geral contra o infame decreto de lei que resulta do mesmo.

Camaradas: Demonstraí mal uma vez a vossa consciência; demonstrai que ainda sois os lutadores energicos de há 4 meses. Assim, como durante 50 dias soubestes fazer tremer toda a casta parasitária, lutando por alto princípio moral, deveis agora com a mesma energia bradar: Viva a greve geral! Avante pelo tipo único de pão a \$60.

**Os roubados contra os ladrões!**

O governo e a moagem tomaram a ofensiva contra o povo consumidor, pretendendo obrigar-lo a pagar o pão por preços reputados incomportáveis com os seus organizamentos. Pretendem-se assim uma vez mistificar um povo que candombe de se resignar não está disposto passivamente a ser mistificado, mais uma vez se pretendem roubar um povo, já excessivamente roubado.

A essa ofensiva deve opôr-se a dos que, trabalhando, tem direito à vida e que devem eradicamente defendê-lo contra os que lho pretendem arrancar.

A medida que os ladrões aumentam de audácia devem os roubados redobrar de energia.

O pão é o principal alimento do povo que produz e a quem tudo crime só responde.

Ir além do \$60 centavos o preço do pão é obrigar os trabalhadores a resignar-se à pior, à mais aviltante das misérias.

O aumento do pão só é uma questão económica, como também uma questão moral. Só quem não tem dignidade de submeter ao regime de falsificação e do roubo.

A moagem ganha milhares e milhares de contos. É um dinheiro, um dinheiro louco, amoedoado no sangue, no suor da miséria do povo.

uma sessão magna onde devem comparecer todos os metalúrgicos sindicados não sindicados, e esperando que todos saberão neste momento cumprir os seus deveres, recomendam que todos os camaradas devem de levantar o brado de: Viva a greve geral!

A moagem tem no cofre a fome e a saudade dos consumidores.

Um governo que aumenta o pão, não é, não pode deixar de ser senão um governo de cumplices, senão um governo de aliados com os da Moagem.

Confiaram os que nos roubam nas espingardas e nas metralhadoras da fôrça pública.

Supõem que o povo não protesta, que o povo se acorda, diante desses espectros de críme e de morte.

Mas, mal vai os regimes que envolvem pela violencia brutal, que pela violencia tudo pretendem resolver, tudo pretendem impôr.

Uma sociedade que se organiza pela violencia, cria, inevitavelmente, outra violencia que a destrói.

Toda a ação provoca consequentemente uma reacção. Que todos os governos todos os moageiros tremam no dia que uma reacção se produza da parte dos roubados.

A fome não é eterna quando ela excede a paciência dos que a suportam.

E das revoltas e de todos os acontecimentos que elas originam, só são responsáveis aqueles que os provocam.

A fome é um incitamento. Logo não existem incitadores.

PROCLAMAÇÃO

As consumidoras! Ao operariado!  
Com os maiores bônus das férias!  
Lá os sindicatos de férias — decisões que  
criam alegria e alegria garantida no seu  
trabalho de férias! (segundas-férias)

VIVA A FÉRIAS GERAL!

em prol do tipo único de bônus e de comissões!  
O COMITÉ

# ABALADA

NOTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERARIA FEDERADA

Câmara de Comércio, 22-A, S. O. Tijuca — RIO DE JANEIRO

Teléfonos: 1051, 1052, 1053, 1054, 1055, 1056, 1057

Oficinas de automóveis — Rua da Árvore, 111 — RIO

Setembro-1919, 7 de Agosto de 1920

PRECO — 10 CENTAVOS

DIÁRIO DA MINHA

A

Jornal de Ocupação Geral do Trabalho

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A

Impresso — ALFREDO ALEXANDRE

A

Editor — Charles Mathis Gaffey

A